

Múltiplas visualidades geracionais: ensino, pesquisa e extensão universitária em uma disciplina teórica de um curso de formação de professores

Multiple generational visualities: education, research and university extension in a theoretical discipline of a teacher training course

Magali Reis¹

RESUMO

Neste artigo, apresento as experiências formativas por mim desenvolvidas com uma turma do Curso de Pedagogia PUC Minas, campus Coração Eucarístico em Belo Horizonte, no primeiro semestre de 2017. O Curso vincula-se ao projeto de formação de professores, com enfoque na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O desafio colocado pelo contexto de atuação foi desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária no âmbito de uma disciplina teórica; para tanto utilizei de recursos e estratégias didáticas que possibilitassem aos estudantes aprofundar conhecimentos sobre as infâncias, a partir dos estudos sociais sobre as crianças, proporcionando-lhes o contato com múltiplas visualidades geracionais, tais como a pintura figurativa, as fotografias, os filmes e documentários, a literatura, os quais foram combinados com escritos acadêmicos, como livros e artigos científicos. A pesquisa e a extensão universitária constituíram estratégias de ensino e de produção de conhecimentos pelos estudantes. Ao final da disciplina, os alunos manifestaram sentir-se recompensados pelas experiências, ao adquirirem novos conhecimentos sobre as crianças e as infâncias, ao desenvolverem um senso crítico sobre a condição de infância na sociedade e ao produzirem novos conhecimentos sobre este fenômeno social. A mim, enquanto professora responsável pelo projeto, sinto-me cada vez mais instigada a pensar sobre minha prática e a partir dela construir conhecimentos e práticas novos para mim e para os estudantes.

Palavras-chave: Ensino. Extensão Universitária. Pesquisa. Formação de Professores.

ABSTRACT

In this article, I present the formative experiences I developed with a group of the Pedagogy Course PUC Minas, Eucharistic Heart Campus in Belo Horizonte, in the first half of 2017. The Course is linked to the project of teacher training, focusing on Early Childhood Education and in the Early Years of Elementary School. The challenge posed by the context of action was to develop teaching, research and university extension activities within the scope of a theoretical discipline, so I used resources and didactic strategies that enabled students to deepen knowledge about childhood, from social studies on childhood, giving them contact with multiple generational visualities such as figurative painting, photographs, films and documentaries, literature, which were combined with academic writings such as books and scientific articles. The research and the university extension were strategies of teaching and production of knowledge by the students. At the end of the course, students expressed feeling rewarded for their experiences, by acquiring new knowledge about children and childhood, developing a critical sense of the condition of childhood in society and producing new knowledge about this social phenomenon. As a teacher in charge of the project, I feel more and more encouraged to think about my practice and to build new knowledge and practices for myself and the students.

Keywords: Teaching. University Extension. Research. Teacher training.

¹Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas. E-mail: magali_reis@pucminas.br.

1 INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX registrou um considerável aumento dos estudos sobre as crianças e suas infâncias. No Brasil, o marco referencial situou-se nos anos 1980, quando esses estudos modificaram o campo de indagação científica das ciências sociais e da educação, incluindo a criança como sujeito de estudos e depoentes válidos para a pesquisa acadêmica², bem como os conteúdos relativos à formação de professores receberam novas problemáticas com a inclusão de disciplinas voltadas aos estudos da infância.

Desse modo, pudemos observar que a infância e sua educação integram ideias oriundas de concepções teóricas e matizes ideológicos distintos, sendo, contudo, esta fase reconhecida como de inegável relevância para a construção de uma perspectiva de sociedade. Tal ideia foi relativamente simples de compreender quando pensamos a infância como uma concepção social que se constituiu tanto no pensamento pedagógico quanto nas diversas esferas da sociedade. Os diferentes matizes que compõem visões de infâncias procuraram materializar percepções e ações diferenciadas e por vezes antagônicas, porém dando significados distintos à nossa compreensão sobre a infância e ao modo de nos relacionarmos com as crianças.

No Brasil, as discussões relativas à infância adquiriram um caráter público abrangente no final da década de 1990 e início dos anos 2000, quando os movimentos sociais e o poder público incorporaram a temática em suas agendas, e a produção científica específica se ampliou de modo significativo. Sua importância para o debate educacional se explicitou formalmente pela obrigatoriedade constitucional de atenção integral à criança, pela inclusão da educação de crianças pequenas no sistema nacional de ensino, pela produção de instrumentos legais e documentos governamentais que asseguraram à temática um caráter central, indispensável e indissociável da política educacional brasileira, e o entendimento da “prioridade absoluta”³ da criança.

Organizar o conteúdo de uma disciplina da graduação que possibilitasse dar prioridade ao entendimento do lugar social da criança ocidental constituiu um desafio, o que justificou a busca por diferentes modos de abordar a temática. O conteúdo foi organizado combinando leituras de obras científicas, uso de imagens fixas como a fotografia, a pintura figurativa, o

² Cf. MARTINS, J.S. (Org.) **O Massacre dos Inocentes: A criança sem Infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1984.

³ Cf. BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: Congresso nacional, 1988.

uso de imagens em movimento – como longas metragens, documentários e curtas, vídeos cujos protagonistas são crianças –, as músicas populares brasileiras que cantam a infância, e finalmente o trabalho com a literatura cujos personagens principais são crianças.

Partindo do pressuposto de que a criança deve ser reconhecida como prioridade absoluta para a sociedade, analisamos, ao longo das aulas, de forma detida, a questão das transições para a vida adulta; assim, foi possível refletir coletivamente sobre outro importante debate teórico, subjacente às ciências sociais, e seu respectivo quadro teórico-conceitual, isto é, *o conceito de geração percebido como um processo social vivido e experimentado pelos sujeitos e os processos de individuação das crianças nas sociedades contemporâneas*⁴.

O ponto de partida das análises dizia respeito à percepção de que a individualidade e sociedade são construções culturais. Portanto, compreendemos que seria necessário analisar suas interconexões e, simultaneamente, suas mudanças ao longo do tempo. A relação entre essas duas dimensões – individualidade e sociedade – emergiu, em nossos debates, em referência ao tempo social, de modo que a geração, no sentido sociológico, foi compreendida, pelos estudantes, como o período de tempo durante o qual a individuação é constituída a partir de recursos e significados que estão social e historicamente disponíveis. Assim, refletimos que as novas gerações criam novas identidades e novas possibilidades para a ação.

A partir dessas reflexões, indagamos que, do ponto de vista sociológico, as gerações não surgiram da cadência temporal estabelecida por uma sucessão de gerações biológicas, ou dito de outro modo não há padronização do tempo para medir ou prognosticar suas temporalidades. Os estudos teóricos nos conduziram ao entendimento de que, do ponto de vista sociológico, uma geração pode ter dez anos, como “a geração 70” em alusão aos jovens protagonistas de movimentos de resistência, ou como ocorreu em diferentes correntes de pensamento filosófico, uma geração poderia estar representada por componentes de diferentes ou vários séculos⁵, podendo incluir uma multiplicidade de gerações biográficas ou, como na trajetória de diferentes sociedades, e apresentar apenas uma geração sociológica⁶. Essas gerações deixam de existir tão logo novos e grandes eventos históricos ocorram ou, ainda, em

⁴ Cf. REIS, Magali. A Construção Sociológica da Infância. In: REIS, M. e GOMES, L.O. **Infância: Sociologia e Sociedade** (Org.) São Paulo: Attar, 2015.

⁵ Cf. FEIXA, Carlos; LECCARDI, Carmen. **O conceito de geração. Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2. Brasília: 2011.

⁶ Cf. BECK, U. & BECK-GERNSHEIM, E. **Generación global**. Barcelona: Paidós, *Global Generation*, Frankfurt, 2007.

sincronia com alterações de ordem política, cultural e econômica superam de tal modo os condicionantes socioculturais anteriores que torna suas experiências sociais correlatas sem quaisquer efeitos⁷.

Ao estudarmos o conceito de geração, a obra do sociólogo alemão Karl Mannheim⁸ foi apresentada por meio de aulas expositivas, seguidas de debates. Para Mannheim o início de uma geração é marcado por descontinuidades importantes até então dominantes em determinada época histórica e institucional, de tal modo que o tempo histórico-social e suas diferentes temporalidades são percebidos como centrais para a definição das novas gerações e identidades sociais, isto é, trata-se do processo de mudança que produz o anterior e o posterior. Mas é importante destacar que Mannheim distingue a ideia de geração dos chamados grupos sociais concretos como a família, os grupos étnicos ou religiosos. O que diferencia a geração em relação a estes é o fato de que, no caso da geração, não há necessariamente laços de proximidade; enquanto, na segunda, estes laços são essenciais para a coesão dos grupos concretos.

A perspectiva sociológica para análise do conceito de geração, portanto, foi fundamental para a compreensão do lugar social que a criança ocupa no mundo ocidental, uma vez que tem se generalizado no meio acadêmico certa consciência sociológica que toma a infância como categoria do discurso social e como objeto privilegiado de análise. Para compreensão do caráter histórico, social e cultural das diferentes gerações, desenvolvemos uma pesquisa sobre as lembranças da infância. Nesse momento da disciplina, elaboramos um roteiro de entrevista e definimos os critérios de seleção dos entrevistados⁹.

A formação de grupos de trabalho (GT) possibilitou potencializar a pesquisa de campo e as entrevistas. Após análise das evidências, partimos para a produção de brinquedos, com o reaproveitamento de materiais, culminando em uma exposição durante o X Simpósio Nacional de Pesquisa em Educação, ao final da exposição os brinquedos foram doados a uma creche filantrópica, situada em um bairro vizinho à PUC Minas, e se deu por meio de oficina com crianças e professoras. Este momento de extensão universitária permitiu aos estudantes devolverem à sociedade os conhecimentos adquiridos ao longo dos estudos sistematizados realizados no semestre.

⁷ Cf. Cf, FEIXA; LECCARDI (op.cit.).

⁸ Cf. MANNHEIM, K. Das Problem der Generation", in **Wissenssoziologie. Auswahl aus dem Werk**, hg. von Kurt H. Wolff, Neuwied/Berlin: Luchterhand, 1964.

⁹ A pesquisa será melhor explicitada no item procedimentos didáticos.

2 OS CONTEÚDOS

Os conteúdos abordados na disciplina foram organizados por meio de cinco Unidades de Ensino. Nas primeiras aulas, o tema geral era abordado tendo como fundamento dois textos, os quais constituíam a orientação geral da disciplina. Ambos se inscreviam na teoria Crítica da Cultura e foram desenvolvidos por Theodor Adorno, quais sejam “Educação pós Auschwitz” e “Tabus que cercam o Magistério”. Na primeira, foram abordados os Direitos Fundamentais as Crianças e o Direito à Infância. Na Unidade dois, discutimos o espaço físico como princípio da Pedagogia. Na terceira Unidade, abordamos: a) “As Relações Sociais e a Infância”, unidade que foi dividida em dois subtemas: a) Infância e Subordinações Sociais; b) Educação Infantil, Igualdade e Diversidade. Na quarta Unidade, analisei com os estudantes a relação entre a infância e a cultura. Esta Unidade consistiu em três subitens: a) Imaginário Social e Infância, b) Socialização, Sociabilidade e Sociação na Infância e, c) Infância e Cultura de Massa. Na quinta Unidade, discutimos a temática da Infância e sua relação com o Pensamento pedagógico. Esta Unidade constituiu-se de dois subitens: a) Infância e Educação Infantil, e b) Cuidar e Educar na Infância. As Unidades de Ensino articulam-se pelo tema central da disciplina, que é a infância, e procura-se ao longo dos estudos, analisar a condição de infância na sociedade de modo geral e em particular na Educação Infantil.

3 O CONTEXTO

A disciplina “Fundamentos da Educação Infantil” é parte dos componentes obrigatórios do currículo do Curso de Pedagogia da PUC Minas. Sua implementação é relativamente recente e se inscreve nas reformas educativas ocorridas entre os anos de 1990 e 2000¹⁰. A implantação da disciplina no período vespertino ocorreu no ano de 2016. Anteriormente, já fazia parte do currículo de Pedagogia nos turnos matutino e noturno; ministrei-a desde a primeira oferta. Desde 2009, vinha trabalhando no âmbito do Curso com outras disciplinas que tratavam de temáticas relativas a infância e sociedade (A Criança, a natureza e a Sociedade), e aos fundamentos e organização da educação infantil (Fundamentos e Organização da Educação Infantil: Aspectos legais), ofertadas até o ano de 2015.

¹⁰ Sobre as reformas educativas e os impactos na formação de professores ver a obra de GATTI, Bernadete; BARRETO, Elba (Coord.). **Professores do Brasil: Impasses e Desafios**. Brasília: Unesco, 2009.

Considerando todo o período que trabalhei com as disciplinas até o ano de 2017, constitui-se uma experiência de oito anos de trabalho com este recorte epistemológico, somente no campus de Belo Horizonte.

A partir de minhas experiências com a docência, busquei articular o ensino à pesquisa acadêmica, ou seja, nas aulas as investigações científicas que venho desenvolvendo são fundamentais para o desenvolvimento do conteúdo, porém há alguns anos tenho pensado e buscado meios para aprimorar a relação ensino-pesquisa-extensão no âmbito das disciplinas que ministro na graduação, levando os alunos a produzir novos conhecimentos. As primeiras ações, nesse sentido, ocorreram entre os anos de 2013 e 2014, quando desenvolvemos uma investigação sobre as proposições curriculares dos municípios que compõem a região metropolitana de Belo Horizonte, no âmbito da disciplina “Currículo na Educação Infantil”. As atividades proporcionaram aos estudantes a possibilidade de construir conhecimentos novos sobre os campos de experiência na Educação Infantil, bem como os auxiliaram na elaboração de proposições curriculares da própria turma. A extensão universitária era outro aspecto que vinha pensando, uma vez que, via de regra, ocorre por meio de projetos externos aos cursos e às disciplinas que os compõem. Somente este ano consegui articular parte das atividades de ensino e pesquisa à extensão universitária, com a produção de brinquedos e materiais didáticos lúdicos para a educação infantil. Ainda é preciso aprimorar esta experiência, mas numa primeira aproximação, constato que houve um retorno positivo tanto dos estudantes quanto da instituição que participou do projeto.

4 OS PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

A disciplina baseou-se em produções teóricas e uma lista de filmes que versam sobre a infância e a partir dos quais foram conduzidos os debates fundamentados nas leituras indicadas e na bibliografia complementar. Em cada aula, houve uma introdução à temática por meio de aula expositiva, em seguida houve momentos de interlocução com a turma, que apontaram questões para a reflexão coletiva, apoiada na leitura e nos filmes indicados.

Uma questão que sempre ocupou minhas reflexões foi construir uma didática que propiciasse ao estudante de graduação diferentes fontes de conhecimento, bem como que tais fontes fossem distintas e complementares aos textos acadêmicos, já incorporados à prática pedagógica, de modo a proporcionar distintos olhares sobre o mesmo fenômeno social. Ao longo da minha experiência com as disciplinas, fui incorporando aos poucos os filmes como parte das unidades, não apenas como ilustração ou reafirmação do conteúdo trabalhado

durante o período, mas que estivessem integrados de modo a proporcionar novos conhecimentos aos estudantes, a cada aula. De modo geral, os estudantes assistem aos filmes fora do horário da aula, o que potencializa o tempo de reflexão e discussão.

Do mesmo modo, procurei incorporar as imagens de crianças na fotografia e na pintura, como parte do material de estudos e análises dos estudantes. Na estrutura atual da disciplina, reservei uma unidade para tal procedimento didático. A observação e a análise de pinturas e fotografias selecionadas para a aula ocorrem após o estudo do uso da imagem na pesquisa acadêmica, como uma fonte significativa de conhecimento. Os estudantes as observam e fazem inferências, reafirmam ou refutam conceitos construídos anteriormente, como se vê no exemplo a seguir:

Figura 1 - Imagens de crianças e crianças nas imagens



Fonte: CHALMEL, 2004.

Poesias e Crônicas também são discutidas em sala de aula como as “Cem Linguagens da Criança”, de Loris Malaguzzi, ou os escritos do poeta mato-grossense Manuel de Barros, ou ainda as “Crônicas de Educação”, de Cecília Meireles, os quais são comentados pelos graduandos e relacionados com as leituras dos textos científicos estudados.

Um procedimento de aula que considero bem-sucedido é a aula com música. No início do semestre, faço um levantamento na turma para saber se há estudantes com habilidades musicais e que possam auxiliar na condução da atividade, depois os estudantes estudam as letras das músicas para as terem em mente quando ocorrer a aula musicada.

No primeiro semestre de 2017, a experiência foi tão bem assimilada pela turma que fizemos uma apresentação para as crianças do Centro Infantil Célia Duque Catão, situado no bairro João Pinheiro, na região centro-oeste de Belo Horizonte, como parte do nosso projeto de extensão.

5 A PESQUISA COMO PARTE DOS PROCEDIMENTOS DE ENSINO

Na disciplina “Fundamentos da Educação Infantil”, brincar é um conceito central, e uma das formas de compreensão da infância. O ato de brincar é uma atividade constante da criança, seu mecanismo natural de aprendizagem, apreensão e ressignificação das coisas do mundo que a rodeia, e constitui um direito fundamental dos mais novos. Como brincar é também uma experiência vivenciada pelos estudantes em diferentes etapas de suas vidas, sugeri que este fosse o tema¹¹ de uma pesquisa a ser desenvolvida na disciplina. Com a concordância de todos, iniciamos os trabalhos com a leitura de textos sobre metodologia de pesquisa e sobre a entrevista como técnica de coleta e registro de evidências de pesquisa. Elaboramos um roteiro de questões, que consideramos serem significativas na obtenção de evidências para nossas análises.

Definimos os critérios, para seleção dos sujeitos da pesquisa, que assim foram constituídos: pessoas com mais de 60 anos de idade, pessoas entre 30 e 60 anos de idade, jovens adultos de 18 a 30 anos de idade, adolescentes de 13 a 18 anos, crianças até 12 anos. Combinadas às faixas etárias, deveriam ser contempladas pessoas brancas e negras, homens e mulheres, meninos e meninas, de diferentes grupos sociais. As entrevistas foram gravadas com celulares e apenas um GT filmou, com o celular, as entrevistas. As perguntas versavam sobre as lembranças da infância, os locais em que brincavam, ou brincam, no caso das crianças, as pessoas com quem brincavam, os meios ou objetos utilizados para brincar, isto é, os brinquedos, se industrializados ou produzidos por eles, os tipos de brincadeiras que desenvolviam, entre outras informações. Os participantes da pesquisa, de modo geral, são parentes, amigos, vizinhos ou conhecidos dos estudantes, e todos assinam o termo de consentimento livre e esclarecido concordando em participar do estudo. Após a finalização da

¹¹ Os temas de pesquisa podem mudar de acordo com os interesses da turma, desde que estejam relacionados com os conteúdos discutidos, como, por exemplo, imagens de crianças na propaganda; ou podem estar relacionados com um acontecimento específico, por exemplo, no ano de 2016, fizemos entrevistas com políticos que foram convidados a falar de sua infância, e de suas propostas para as crianças caso fossem eleitos. Depois cotejamos os resultados das entrevistas, ou seja, as afirmações dos candidatos com as propostas por eles registradas no TRE.

pesquisa, foram feitas as transcrições e os resultados discutidos em sala de aula¹². Organizei um quadro na lousa por faixa etária e os estudantes foram mencionando os tipos de brincadeiras e brinquedos utilizados pelos depoentes.

Ao final das anotações, os estudantes puderam visualizar as transformações nos modos e nos meios de brincar, e por meio dos registros puderam inferir que brincar é um fenômeno histórico, apresentando transformações significativas ao longo do tempo; é fenômeno cultural (CORSARO, 2002), pois se modifica de acordo com a cultura em que se dá; é fenômeno social e modifica-se de acordo com as condições materiais dos brincantes, com o sexo, com a idade e com a etnia; é fenômeno político, pois depende de ações políticas que garantam os tempos e os espaços de brincar; é fenômeno econômico e pode transformar-se de acordo com o processo de industrialização e as imposições da indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), a produção de brinquedos; é, também, um dos mecanismos que produz um tipo corporativo de infância (STEINBERG; KINCHELOE, 2001). Em outros termos, brincar ocorre em condições objetivas dadas, as quais vão sendo revelados ao longo da pesquisa.

6 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO PROCEDIMENTO DIDÁTICO

Na etapa seguinte, os estudantes foram convidados a pensar, planejar e criar brinquedos, incluindo os tradicionais, e materiais didáticos lúdicos, com conteúdos específicos como matemáticos e para letramento. Para tanto, foi necessário que retomassem conhecimentos adquiridos em outras disciplinas como a psicologia do desenvolvimento, a didática, a antropologia, entre outras. A retomada de conteúdos exigiu nova pesquisa por parte dos estudantes, que procederam a uma revisão bibliográfica. Como baliza para a produção dos materiais, solicitei brinquedos para berçário, maternal e infantil ou jardim, ou seja, o recorte foi etário. Também restringi o uso de materiais mais comuns nas creches e pré-escolas, em especial o E.V.A.¹³ e o TNT¹⁴, os quais foram proibidos. Todos os grupos criaram ao menos um avental de contação de histórias, um painel sensorial (com sons, texturas e movimentos) ou de coordenação motora fina (com botões, cadarços, velcro, zíperes), entre outros.

¹² De modo geral, as discussões dos resultados da pesquisa são feitas com o auxílio e a presença em sala de aula de estudantes do Programa de Pós-graduação em Educação.

¹³ Borracha de alta tecnologia composta de Etil, Vinil e Acetato, muito comum nas escolas.

¹⁴ TNT é um produto, não tecido, isto é, uma estrutura plana, porosa e flexível. Cf. NBR 13370.

Ao final das oficinas de produção e brinquedos, cada Grupo de Trabalho (GT) apresentou à turma suas produções e os possíveis usos pedagógicos dos materiais que produziram. A culminância dessa atividade foi a organização da exposição intitulada “Exercícios de Ser Criança”¹⁵, como parte das atividades do X Simpósio Nacional de Pesquisa em Educação, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas¹⁶.

Figura 2 - Painel Sensorial¹⁷



Fonte: Acervo do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAPED) PUC Minas.

Tanto a montagem quanto a desmontagem da exposição foram feitas por estudantes que se dispuseram a dirigir-se ao campus fora do horário de aula. Após a desmontagem, a maior parte dos brinquedos foi doada para o Centro Infantil Célia Duque Catão, citado anteriormente. O processo de entrega dos brinquedos ocupou uma tarde, e constituiu de um momento de acolhida aos estudantes da PUC na Creche, organização e separação dos brinquedos por faixa etária, distribuição dos brinquedos de acordo com os interesses das crianças, e em seguida iniciamos a cantoria com todas as crianças reunidas no saguão

¹⁵ “Exercícios de ser criança” é o título de um poema de Manoel de Barros a quem prestamos homenagem com a exposição.

¹⁶ Para a organização da exposição, contamos com a curadoria de Ana Consuelo Ramos, Ana Paula Braz Maletta, Lúcia Helena Gomes Saraiva e o apoio de Ariany da Silva Bezerra, pesquisadoras do Núcleo de Pesquisa Social¹⁶, por mim coordenado.

¹⁷ Painel produzido pelas alunas Paula Rosa, Adrielle e Rafaella.

principal. Este momento proporcionou aos estudantes maior visibilidade sobre os estudos que desenvolveram no período e aproximação às práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil.

7 PROCEDIMENTOS DAS AVALIAÇÕES

7.1 Avaliações do ensino-aprendizagem

Concebo a avaliação como um processo formativo de longa duração o que exige dispor de diferentes procedimentos e realizá-los em diversas etapas. A primeira avaliação constitui-se de uma prova com questões fechadas, representando 50% do conteúdo e a outra metade é organizada por meio de questões dissertativas. Desse modo, é possível que os estudantes testem seus conhecimentos ao mesmo tempo em que aprimoram sua capacidade argumentativa. Procuro devolver as provas corrigidas logo na semana seguinte, assim as questões ainda estão presentes na memória dos estudantes, e nesta oportunidade discutimos os erros e acertos, de forma reflexiva e coletiva.

A segunda avaliação diz respeito à pesquisa desenvolvida pelos Grupos de Trabalho e a sistematização das entrevistas, as quais, somadas às análises, têm por objetivo aprimorar a capacidade analítica e crítica dos estudantes. Os procedimentos avaliativos seguintes referem-se ao acompanhamento da produção coletiva de materiais didáticos e brinquedos. Nesta etapa, são avaliados a capacidade de organização do trabalho, o planejamento, o desenvolvimento da atividade, o espírito de equipe de cada participante. Cada grupo apresenta o que produziu para a turma e recebe desta um *feedback*. Os estudantes refletem sobre a adequação dos brinquedos e materiais às faixas etárias e aos objetivos pedagógicos. Este é também, um momento de trocas de experiência e conhecimentos, que lhes oportuniza refletir sobre o próprio trabalho. Como os objetos são produzidos com aproveitamento de materiais, há a observação criteriosa do acabamento, da segurança e da funcionalidade de cada produto.

Na quarta etapa da avaliação, os estudantes fazem a análise de um filme, ou documentário sobre a infância. No primeiro semestre de 2017, analisaram o documentário *A Invenção da Infância*, datado de 1996, mais ou menos a data de nascimento da maioria da turma. Portanto, ali são apresentados elementos muito próximos de suas infâncias. Este procedimento de avaliação tem por objetivo desenvolver nos estudantes a capacidade de

reflexão sobre imagens em movimento, tendo a vida dos protagonistas como objeto de análise. As reflexões apresentadas pelos estudantes referem-se aos conhecimentos adquiridos na disciplina por meio de textos acadêmicos e debates realizados em cada aula.

A quinta etapa de avaliação constitui-se de uma prova de conhecimentos prévios, os quais são debatidos em sala de aula. O tema desta prova, via de regra, é o cuidado e sua relação com a educação. Embora tenham um texto de apoio, o objetivo central desta avaliação é colocar em destaque os saberes dos estudantes, o que os confronta com seus conceitos e preconceitos sobre o tema, os quais são analisados por meio de aula expositiva e debate. Finalmente, a última etapa da avaliação é constituída de um debate sobre o livro de literatura escolhido pelos estudantes no início do semestre. Para os alunos é uma atividade instigante, pois, ao socializar o conteúdo das obras que leram, partilham de forma lúdica esta experiência. O objetivo desta avaliação é suscitar nos alunos o desejo pela leitura de obras literárias, conhecer as infâncias por outra fonte que não o texto acadêmico e provocar o debate sobre a infância de modo geral.

7.2 Autoavaliação

O trabalho processual me conduz a autorreflexão sobre os modos pelos quais abordo cada temática. Desta forma, a cada semestre minha didática está em questão e por meio de uma autoanálise, procuro reconduzir as dinâmicas das aulas se me sentir insatisfeita com o trabalho. Reconduzo, também, as discussões de acordo com o *feedback* que os alunos me dão a cada encontro. Se há alguma questão não resolvida em um debate, ou uma pergunta sobre a qual não tenho resposta, pesquiso, analiso e volto com uma reflexão para a turma, de modo que nenhum estudante fique sem um retorno sobre suas dúvidas. De modo geral, modifico os textos com frequência para atualizar a bibliografia, também, modifico uma ou outra unidade de ensino, caso sinta que o tema abordado não repercutiu positivamente para o aprimoramento dos conhecimentos dos estudantes. Em síntese, a minha autoavaliação também é processual e formativa, pois a cada semestre construo novos conhecimentos no diálogo com os estudantes, na reflexão sobre minha didática, nas fontes de conhecimento que utilizo.

A cada semestre encontro desafios que são superados e outros ainda estão por ser resolvidos. Um deles diz respeito à publicação dos resultados das pesquisas, algo que os estudantes ainda me cobram muito, porém, não encontrei recursos financeiros ou meio de divulgação de acesso livre, aberto e gratuito. Outro fator dificultador da publicação é reunir os estudantes, depois que a disciplina terminou, para elaboração do texto ou livro. Nem por isso,

sinto-me frustrada com o trabalho que desenvolvo. Ao contrário, me sinto cada vez mais instigada a pensar sobre minha prática e a partir dela construir conhecimentos novos para mim e para os estudantes.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do semestre, constituímos, por meio dos estudos teóricos e na simbiose destes com a pesquisa e a extensão universitária, a ideia de que a infância é um campo fértil dos estudos das ciências educacionais, e ainda que seja um conceito construído, por teorias distintas, oriundas de diferentes campos conceituais como as ciências biológicas e da saúde (biologia, medicina, neurociência), o direito e a psicologia, foi sistematicamente sendo *demolido* para em seguida ser *reconstruído* pelas ciências sociais e pela pedagogia.

Ao longo da disciplina os estudantes se viram, cada vez mais confrontados com a necessidade de estabelecer rupturas com as representações correntes que historicamente vêm constituindo a infância, isto é, de estabelecer rupturas com um suposto *sensus communis* (doxa) que deve ser superado, procurando, em contrapartida, problematizar, o que são as infâncias de fato e de direito, em relação à realidade socialmente construída.

Compreendemos, portanto, que as infâncias, não são fenômenos naturais, mas construções sociais. São, portanto, *produtos políticos*, que não têm porta-vozes para defendê-las (CHARLOT, 2009). Deste modo, sem porta-vozes evidentes de seu status coletivo, são os adultos da sociedade que dissertam a propósito das crianças. O desafio colocado à turma foi o de ouvir as crianças em suas manifestações mais singelas, mas também lutar por elas e defendê-las das arbitrariedades do mundo que as cerca.

REFERENCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. (1985), **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985.
- AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas: A Infância**. São Paulo: Planeta: 2003.
- BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas: A segunda Infância**. São Paulo: Planeta: 2004.
- BECHI, Eglê. Ser Menina Ontem e Hoje: Notas para uma pré-história do feminino. **Pró-Posições**, v.14, n. 3 (42), set/dez, 2003.
- BECK, U. & BECK-GERNSHEIM, E. **Generación global**, Barcelona: Paidós, Global Generation, Frankfurt, 2007.

- BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: Congresso nacional, 1988.
- CARROLL, Lewis. **Alice no país das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- CHALMEL, Loic. Imagens de crianças e crianças nas imagens: representações da infância na iconografia pedagógica nos séculos XVII e XVIII. **Educ. Soc.** [on-line]. 2004, vol.25, n.86.
- CHARLOT, Bernard. Convergence internationale et diversification interne des modèles scolaires. **Revue Internationale d'Éducation Sèvres**, v. 52, p. 129-137, 2009
- COETZEE, J.M. **Infância**: Cenas da vida na província. São Paulo: Companhia das Letras: 2010.
- CORSARO, William. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz de conta” das crianças. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 17, 2002, p.113-134.
- DAUSTER, Tânia. Uma Infância de Curta Duração. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 82, p. 31-36, ago, 1992.
- DEL PRIORE, Mary (Org.) **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.
- DIAS SOBRINHO, José. Avaliação educativa: produção de sentidos com valor de formação. **Avaliação**. Campinas, Sorocaba, v. 13, n. 1, p. 193-207, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 15 set. 2017
- DONZELOT, Jacques. **A Polícia das Famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- ESCOURA, Michele. **O mundo mágico não só de Walt Disney**: Princesas e gênero em duas turmas de crianças. Disponível em: <http://webdav.sistemas.pucminas.br:8080/webdav/sistemas/sga/20131/642377_ESCOURA_Michele_Trabalho-Completo.pdf> . Acesso em: 07 out. 2017
- FEIXA, Carlos; LECCARDI, Carmen. O conceito de geração. **Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2. Brasília: 2011.
- FERNANDES, Heloísa R. Infância e modernidade: doença do olhar. In: GHIRALDELLI Jr., Paulo (org.) **Infância, Escola e Modernidade**. Curitiba: Editora da UFPR e Cortez, 1997, p.61-82.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Infância e Pensamento. In: Ghiraldelli Jr., Paulo (Org.). **Infância, Escola e Modernidade**. São Paulo/Curitiba: Cortez/Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997. p. 83-100.
- GATTI, Bernadete; BARRETO, Elba (coords). **Professores do Brasil**: Impasses e Desafios. Brasília: Unesco, 2009.
- GONDRA, José e GARCIA, Inára A arte de endurecer "miolos moles e cérebros brandos": a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. **Rev. Bras. Educ.**, Ago 2004, no.26, p.69-84.
- GORKI, Maxim. **Infância**. São Paulo: Cosac & Naif, 2007.
- GOSCINNY, René. **A Volta às Aulas do pequeno Nicolau**. São Paulo: Rocco, 2010.
- JANUZ, Korzac. **Quando eu voltar a ser criança**. São Paulo: Summus, 1981.
- KUHLMANN Jr., Moysés. **Infância e Educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LOUZEIRO, José. **Infância dos Mortos**. São Paulo: Editora Record, s/d.

- MACHADO DE ASSIS. **Contos de Escola**. São Paulo: 2002.
- MANNHEIM, Karl. Das Problem der Generation. In: **Wissenssoziologie. Auswahl aus dem Werk**, hg. von Kurt H. Wolff, Neuwied / Berlin: Luchterhand, 1964.
- MARTINS, José S. (Org.) **O Massacre dos Inocentes**: a criança sem Infância no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1984.
- MARX, Karl. Maquinaria e Grande Indústria. In: MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1995.
- MEIRELES, Cecília. **Crônicas de Educação**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. A criança vista pelo Adulto. In: **Psicologia e Pedagogia da Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.83-102.
- PANCERA, Carlo. Semânticas de Infância. **Perspectiva** - Revista do Centro de Ciências da Educação, ano 12, n.22, ago/dez, 1994, Florianópolis, p. 97-104.
- REIS, Magali. A Construção Sociológica da Infância. In: REIS, M. e GOMES, L.O. **Infância**: Sociologia e Sociedade (Org.) São Paulo: Attar, 2015.
- ROSA, Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.
- SABINO, Fernando. **O menino no Espelho**. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- SIMÕES, Patrícia; LIMA, Juceli. Infância, educação e desigualdade no Brasil. **Revista Ibero-americana de Educação** [(2016), vol. 72, pp. 45-64] Disponível em: < www.rieoei.org/rie72a02.pdf > . Acesso em: 20 ago. 2017
- STEINBERG, Shirley e KINCHELOE, Joe L. (Org.) **Cultura Infantil**: a Construção Corporativa da Infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- TOZONI-REIS, Marília F. de C. **Infância, Escola e Pobreza**: Ficção e Realidade. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2002.
- VASCONCELOS, José Mauro. **Meu pé de Laranja Lima**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.